

Ademir MEDICI



Mauá era só tudo isto

Havia um gramado defronte à casa do velho Pichino, ali na Barão de Mauá, logo no comecinho da avenida Getúlio Vargas, onde agora existe o busto do ex-presidente. E era tudo quieto. Ouvia-se o sino da capela de Santa Cruz. E os apitos dos trens de madeira. Nas ruas, no entanto, eram raros os veículos.

Mauá, 1935. As meninas-moças vestiram branco para sair na fotografia: Odete Branco da Silva (de cabelos cacheados, à esquerda), Regina Binoto (só aparece o rosto), Tereza Pedro, Dora Zuliani, Inez Branco da Silva, Jandira Pedro e Ofélia Negrini. Atrás, Arsidio Fernandes (que depois seria vereador e presidente do Industrial) e André Binotto.

A avenida Getúlio Vargas aparece parada e dá para distinguir duas casas ao fundo. Numa delas morou muita gente: João Gianoni, Valdemar Coppini, os Piorno e Pedro Jr. Na outra casa morou o Serafim Rodrigues.



Reprodução - João COLOVATTI

Hoje a paisagem mudou muito. Ali está a praça da Bíblia e um lava-rápido. Não muito longe, a igreja de São Judas Tadeu. E centenas, milhares de buzinas tocando sem parar. No lugar da fábrica de louça veio a metarlugia. No lugar da pedreira, a petroquímica. E assim Mauá se transformou, acompanhando os passos do Grande ABC e da mãe Santo André.

O dono da foto, Dárcio Leardini, filho da menina-moça de cabelos cacheados, dona Odete, é quem comenta: "Mauá era uma família. Quem não era do Industrial era do Mauá. E todos trabalhavam na Cerâmica Mauá, ou quase todos. Então, quando não namoravam nos clubes, namoravam na fábrica. O Cine OPA, o clube, a banda, o futebol, a casa, a capelinha. Era isto, Mauá era só tudo isto. Depois..."